

## Literatura em sala de aula: do purismo ao contemporâneo

Daniel da Rocha Silva<sup>1</sup>

Antonio Carlos Viana nasceu em Aracaju, em 1944. cursou o primário na Escola Pública Guatemala, no Rio de Janeiro. Formado em Letras com habilitação em francês pela Universidade Federal de Sergipe, fez mestrado em Teoria Literária pela PUC – RS e doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Nice – França. Lançou seu primeiro livro em 1974: *Brincar de Manja*; em 1981, lançou *Em pleno castigo*; em 1993, *O meio do mundo*; em 1999, *O meio do mundo e outros contos*; em 2004, *Aberto está o inferno*; em 2009, *Cine Privê*, pelo qual foi premiado pela Associação Paulista dos Críticos de Artes – APCA, como melhor livro de contos; em 2015 lançou *Jeito de matar lagartas*, mais uma vez premiado pela APCA, sendo sua última publicação. Faleceu em 14/10/2016, aos 72 anos, em Aracaju – SE.

*Cine Privê* intitula um conto cujo nome intitula o livro que traz outros 19 contos, todos com o “palavreado arrojado” que caracterizou Antonio Carlos Viana. Com uma linguagem peculiar, seus contos são uma denúncia social, assemelham-se a uma notícia de jornal; faz o leitor sentir-se o “eu” de suas histórias, tão reais que fazem a ficção beirar a realidade, trazem situações cotidianas que vê-se acontecer com *outrem*, diariamente.

Nosso barraco era o primeiro da fila. Ia se esfrangalhar que nem cavaco chinês. Os ratos corriam por tudo que era canto. Foi nessa hora que vimos nossa mãe sair daquele jeito dela pela portinha de nada, os cabelos de assombração, os peitos mal-amanhados numa tira de pano que fazia as vezes de sutiã. Pendiam feito trouxa desaprumada (VIANA, 2009, p. 14).

De palavras simples, acessíveis à compreensão, tão coloquiais que nem parece literatura; afinal, o que é literatura? Viana esbanja na sua obra a realidade social de um povo: mazelas, crimes, despejos, violência. Antonio Carlos Viana criou personagens terríveis, e trouxe, em seus contos, aqueles que sofrem com o terror imposto pelos outros: tão Brasil. O escritor sergipano, contista contemporâneo, traz em sua obra uma linguagem coloquial que aproxima o

---

<sup>1</sup> Graduado em Letras Vernáculas - FISE. Pós-graduando em Linguística Aplicada na Educação - Instituto Graduante. Pós-graduando em Educação Especial e Inclusiva. Email: [danieldarochasilva@gmail.com](mailto:danieldarochasilva@gmail.com).

grande público de sua leitura, visto que não se utiliza de palavras rebuscadas para significar as atitudes de seus personagens. Com narrativas acerca das dificuldades do cotidiano popular, Viana foge do tradicional literário e traz para a literatura uma linguagem, *a priori*, “vulgar”; contudo, é através desta linguagem que torna seus contos tão reais e de fácil compreensão. “Tem vontade de gritar: ‘Levante os olhos, seu punheteiro safado, olhe para mim, sou eu que vou limpar as suas nojeiras!’” (VIANA, 2009, p. 23). A denúncia faz-se presente em todos os contos desse livro de Antonio Carlos Viana, que subjaz uma violência sofrida pelos seus personagens em decorrência de viver-se em um país caracterizado pela desigualdade social. Isto é, transformou sua literatura em protesto.

Não entende como alguém pode gozar em tão pouco tempo, dentro de um cubículo ainda mais quente que seu corredor. Os filhos da puta bem que podiam usar a lata de lixo, mas que nada, esporram no chão mesmo e nas paredes. Seu Manuel pega o balde, a vassoura de franja mole e vai fazer a assepsia, como diz seu Gamaliel, o gerente (VIANA, 2009, p. 24).

No conto *Cine Privê*, vê-se mais um brasileiro sem opções, e em um ambiente de prostituição, ganha o seu salário para manter a sua família. É uma narração, na qual Viana traz para a literatura, o descontentamento de seu personagem principal por não ter tido outra oportunidade, característica peculiar do povo brasileiro. “Tem horas que seu Manuel acha que nasceu para limpar toda a sujeira do mundo. O único emprego que lhe restou na vida foi aquele: limpar cabines de cine privê” (VIANA, 2009, p. 23), explora espaços marginalizados pela sociedade através de uma linguagem pouco vista na literatura brasileira, linguagem esta que dá à história um caráter realista, complementado por nomes populares aos seus personagens, estes com profissões desfavorecidas na pirâmide social.

Dito isto, por tratar-se de um escritor premiado e reconhecido e não só por isso, deve-se implementar a sua literatura nas escolas em decorrência da linguagem de seus personagens serem coloquiais, então, faz-se entender que a probabilidade de aptidão pela leitura seja maior. O ensino e aprendizagem precisa ser inovado através do que surpreenda e quebre esse conceito de padrão criado pela própria escola e fixado através das gramáticas e livros didáticos. Há, ainda, uma ideia formalizada de que a literatura constitui-se de purismos linguísticos, que, tem afastado o aluno da leitura pelo próprio prazer de ler. Quando fala-se em leitura, principalmente em sala de aula, remete-nos às

leituras obrigatórias, estas ainda são estipuladas como tais. A obrigatoriedade que permeia o ensino literário desestimula o discente e o impede de realizar suas acepções preferenciáveis de leitura. Não se diz que Machado de Assis não tem importância, mas é necessário retratar que a literatura não se compõe apenas de pureza, seja linguística ou não, ela também é denúncia, realidade, coloquialismo, “povo”. Dessa forma, o professor deve trabalhar em sala de aula com autores contemporâneos que trazem uma escrita diferente e mais próxima da linguagem do aluno, fazendo com que o mesmo sintá-se inserido na história contada, por conta dessa história ser a realidade do povo brasileiro.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

VIANA, Antonio Carlos. **Cine Privê: Contos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.